

## Síntese do Debate

CNE

CNE

Não vou fazer nenhuma síntese, por ser completamente redundante. Estiveram aqui também hoje todo o dia a ouvir os oradores, que foram claríssimos, e as sínteses que cada um foi fazendo são certamente as mais importantes.

E assim partilharia apenas um sentimento, que é de algum modo uma resposta à questão que tenho colocado a mim mesma durante o dia- para que é que serviu isto hoje? O que é que ganhámos durante estas horas em que estivemos aqui a pensar? E se isto nos conduziu a algum optimismo ou pessimismo, que era a preocupação há pouco referida pela Doutora Carmo Clímaco, pensando que podíamos estar a resvalar para algum pessimismo.

Penso que, fundamentalmente, o que nós ganhámos hoje foi um pouco mais de lucidez pelo facto de nos determos a pensar sobre estas questões, com os *inputs* dos oradores e participantes da sala para esta reflexão, durante estas oito horas, sobre a complexidade dos conceitos de avaliação e de qualidade. Mas, do meu ponto de vista, o mais importante ainda é esta ideia central de que, neste binómio, a relação entre avaliação e qualidade é muito frágil. Isto quer dizer que não há nenhuma garantia automática de que um processo de avaliação conduza a um processo de qualidade. E foram dados aqui alguns indicadores importantes.

Alguém dizia: não basta fazer o retorno às escolas, para que elas se confrontem com a sua realidade, e lavar daí as mãos. O Ministério não pode dizer agora: a gente fez o favor de vos dar os dados, arranjem-se, despertem, façam tudo o que puderem. O Senhor Conselheiro representante dos pais que está aqui, chamou bem a atenção para a situação colocando a óbvia pergunta: E depois? E quando as escolas não têm a condição mínima, mínima, para poderem fazer mais do que aquilo que fazem? Nós gostamos muito de falar das boas práticas, começou mesmo a ser uma coisa engraçada, a ser moda no nosso sistema educativo. Mas talvez precisássemos, cada vez mais, de pensar antes na grande diferenciação que existe no nosso sistema escolar. A tal diferenciação que faz com que, em média, sejamos arrastados para padrões maus. É que, globalmente, nós estamos mal porque temos muita coisa má ainda, demasiada, numa perspectiva de democratização do ensino que queremos. E esse esforço de ajuda às escolas e de ajuda aos professores que é preciso organizar e sustentar, para que eles possam educar, nas tais escolas que não têm nada. Nas que não têm mesmo nada, não têm casas de banho com mínimas condições, não têm telefone, não têm local para uma refeição e estas são ainda muitas. Ainda não há muito tempo, a Direcção Regional de Educação do Centro chamou a atenção para

que se dizia que estava tudo ligado à Internet, quando se sabia que muitas não tinham sequer uma linha telefónica.

Portanto, esta desconfiança e esta precaução de que não é porque se avalia que se garante, que se ganha a qualidade, mas tão só quando se vai até ao fim do ciclo e se reinventam as mudanças a partir da observação do real. Penso que foi esta lucidez que hoje ficou aqui bem alicerçada. É talvez a leitura mais importante de tudo o que se disse, ao tentarmos desmontar, grão a grão, o nosso pensamento sobre o binómio avaliação – qualidade.

*Odete Valente*

Vou também fazer uma brevíssima intervenção. Começo por corroborar aquilo que disse a Professora Odete Valente: que isto foi, sobretudo, um exercício de lucidez. Que, embora a visão pudesse, na análise do conteúdo, ser pessimista, eu creio que há um optimismo a crescer aqui. Quer dizer, nós começamos a ter uma visão cada vez mais clara sobre o que poderá ser a avaliação e sobre os limites das avaliações que temos feito até agora. Aliás, nesse aspecto, gostaria de sublinhar o ponto de vista do Professor Valter, que disse que a abordagem da avaliação não é uma pura abordagem técnica, é uma abordagem política, tem uma concepção por trás, e que é, do ponto de vista em que nós nos colocamos, que nós também podemos eventualmente construir sistemas diferentes da avaliação.

Uma outra reflexão que foi feita aqui pelo Senhor Presidente da Associação de Pais, dizendo que existem muitos olhares correspondentes aos diferentes actores ou beneficiários do sistema educativo que fazem a avaliação: desde os pais, às empresas, aos professores, aos alunos, ao sistema político. Até que ponto esses olhares depois encontram reflexo na própria mudança da escola? De facto, nós deparamos com uma escola muito centrada em si própria e agindo apenas tendo em conta esses olhares internos. Penso que um dos problemas que se põe no futuro é que este olhar externo tem que também ter efeitos no próprio processo de avaliação. Uma terceira questão é que o debate que se fez durante o verão sobre a avaliação teve determinados indicadores generalistas de qualidade utilizados a nível central. Mas se nós olharmos às experiências concretas das escolas, não podemos avaliá-las negativamente só porque elas não atingiram um certo nível. Torna-se necessário entrar dentro do processo das escolas e ver como é que elas próprias estão crescendo, em condições às vezes extraordinariamente difíceis. E, portanto, conhecer este processo de crescimento interno, penso que é uma visão também necessária para poder depois avaliar adequadamente aquilo que é o próprio progresso da qualidade das escolas. De contrário, ficamos apenas com indicadores externos, abstractos, e que muitas vezes podem ser injustos em relação aos esforços que muitas escolas e muitos professores fazem no seu próprio trabalho na escola.

*António Sousa Fernandes*



2.º DEBATE

**Ensinos Básico e Secundário**  
**Perspectiva da Escola**

CNE

